
O Jornalista Flexitempo na Pandemia de Covid-19¹

The Flexitempo Journalist In The Covid-19 Pandemic

Aline Barbosa OLIVEIRA²
André Luis Barbosa de OLIVEIRA JUNIOR³
Verônica Almeida de Oliveira LIMA⁴

RESUMO

Este artigo busca compreender as mudanças nas rotinas jornalísticas com a implementação do *home office* em três emissoras de TV de Campina Grande/PB, durante a pandemia de Covid-19. Para isso, seis jornalistas foram entrevistados, por meio da metodologia da História Oral. Constatou-se o surgimento do “jornalista flexitempo”, que não consegue controlar sua rotina de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Rotinas Produtivas. Jornalista Flexitempo. *Home Office*. Covid-19. Telejornalismo.

ABSTRACT

This article seeks to understand the changes in journalistic routines with the implementation of the home office in three TV stations in Campina Grande/PB, during the Covid-19 pandemic. For this, six journalists were interviewed, through the methodology of Oral History. The emergence of the “flexitempo journalist”, who is unable to control his work routine, was noted.

KEYWORDS

Productive Routines. Flexitempo journalist. Home Office. Covid-19. Telejournalism.

¹ O presente trabalho é parte integrante das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvidas com apoio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), cota 2020-2021.

² Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: aline.barbosa@aluno.uepb.edu.br

³ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: andre.junior@aluno.uepb.edu.br

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal). Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: veronicaoliveira@servidor.uepb.edu.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é compreender as mudanças que ocorreram na rotina produtiva dos jornalistas que atuaram no telejornalismo da cidade de Campina Grande (PB) durante a pandemia de Covid-19, especificamente, aqueles que passaram pela modalidade *home office*. Desde o primeiro contágio pelo coronavírus no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, as empresas de comunicação mudaram suas rotinas para manterem sua programação jornalística, obedecendo a critérios que preservassem a saúde de seus colaboradores. Ferrareto e Morgado (2020, n.p.), compararam a cobertura jornalística da Covid-19 a de uma guerra, para eles “a pandemia de Covid-19 impõe desafios semelhantes aos da cobertura de uma guerra ou aos da atuação em zonas de conflitos urbanos entre autoridades policiais e criminosos. A regra básica é a mesma: a sobrevivência do profissional em primeiro lugar”.

Para que houvesse uma interpretação mais próxima do que foi vivido, seis jornalistas que atuam em diferentes funções em três emissoras de TV da cidade de Campina Grande/PB foram entrevistados, com o objetivo de entender suas percepções sobre o exercício do trabalho remoto durante o primeiro ano da pandemia no Brasil. Para isso, utilizou-se como metodologia a História Oral, tomando como instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturado. O roteiro foi organizado em quatro eixos, com questões abertas, somando vinte e seis perguntas no total, mais um questionário socioprofissional com seis perguntas que contribuíram para traçar o perfil dos entrevistados. Tais eixos tratavam dos seguintes pontos: rotinas produtivas na redação, rotinas produtivas *home office*, subjetividades, questões administrativas. Já as perguntas do questionário socioprofissional levantaram informações como: nome, veículo jornalístico, função, se integrante do grupo de risco, e-mail, telefone.

A escolha por essa metodologia se deu pelo fato de que o depoimento oral, apesar de não revelar com precisão os fatos, apresenta-se como uma representação que o indivíduo fez ou tem desses eventos. Ela permite explorar aspectos da experiência histórica que raramente são registrados, tais como relações pessoais, vida doméstica, natureza de organizações etc. A História Oral oferece uma rica evidência sobre os significados subjetivos, ou pessoais, de eventos de uma determinada época. (ABERTI; FERNANDES; FERREIRA, 2000).

Campina Grande/PB fica situada no agreste paraibano e possui uma população de pouco mais de quatrocentos mil habitantes. É a maior cidade do interior da Paraíba e foi a primeira a

receber uma emissora de TV no estado, a TV Borborema, inaugurada em 15 de setembro de 1963 (MAIOR, 2017). Para este trabalho, foram entrevistados os jornalistas das seguintes emissoras: TV Paraíba (afiliada da Rede Globo), TV Borborema (afiliada do SBT) e TV Itararé (afiliada da TV Cultura). Na cidade ainda existem escritórios de outras duas emissoras de TV: TV Arapuan (afiliada da Rede TV), TV Correio (afiliada da Rede Record). Porém, estas, diferentes das que foram selecionadas para este trabalho, não possuem programação local, apenas uma equipe que transmite para todo o estado *flashes* de Campina Grande na programação gerada a partir de João Pessoa/PB.

Amparado no referencial teórico de Sennett (2009) sobre a flexibilidade do tempo das horas trabalhadas, denomina-se aqui como “jornalista flexitempo” o profissional de jornalismo que trabalhou de casa com um horário mais flexível, e que foi visto com mais clareza durante o período de pandemia da Covid-19.

JORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fazendo parte da família dos vírus que causam infecções respiratórias, o Sars-Cov-2, ou novo Coronavírus, foi descoberto em 31 de dezembro de 2019 na província de Wuhan, China. Segundo os registros da Organização Mundial de Saúde (OMS), a primeira infecção pelo novo Coronavírus no Brasil foi registrada em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo e muito rapidamente se espalhou por todo território nacional⁵. A pandemia causada pela Covid-19 transformou a vida da população e, conseqüentemente, suas rotinas e atividades diárias. Tal contexto se deu em face das medidas recomendadas por órgão nacionais e internacionais de saúde, como a Portaria Nº 188 de 03 de fevereiro de 2020⁶ assinada pelo presidente da república; a recomendação Nº 027, de 22 de abril de 2020⁷, emitida pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS); além da própria declaração da OMS quando anunciou que a doença causada pelo

⁵ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/node/69303>. Acesso em: 06 set. 2021.

⁶ Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/portaria-188-20-ms.htm. Acesso em: 06 set. 2021.

⁷ Recomenda aos Poder Executivo, federal e estadual, ao Poder Legislativo e ao Poder Judiciário, ações de enfrentamento ao Coronavírus. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1132-recomendacao-n-027-de-22-de-abril-de-2020>. Acesso em: 06 set. 2021.

novo Coronavírus passou a ser caracterizada como uma pandemia⁸. Trabalhadores de todo e quaisquer setores de empresas públicas e privadas foram afetados, assim como as empresas de jornalismo. Recomendações como o isolamento social, figurou entre as principais recomendações dos órgãos de saúde, a exemplo dos já citados. Diz a CNS: “Que sustente, nos níveis federal e estadual, a recomendação de manter o isolamento social, num esforço de achatamento da curva de propagação do coronavírus, até que evidências epidemiológicas robustas recomendem a sua alteração”. (BRASIL, 2020c, n.p.).

Os três níveis do poder executivo brasileiro agiram para evitar o avanço da contaminação nas cidades e estados. No âmbito Federal, o governo determinou, por meio de decreto, quais eram as atividades essenciais que deveriam continuar devido à importância do seu exercício. O primeiro decreto que detalhou quais eram as atividades essenciais foi o de nº10.282 de 20 de março de 2020 que regula a lei 13.979 (BRASIL, 2020a, n.p.) e este não considerava a imprensa como atividade essencial. Após severas críticas, o governo, por meio de um novo decreto, o de nº 10.288, publicado em 22 de março de 2020 (BRASIL, 2020b, n.p.), volta atrás e incluiu a imprensa na referida lista.

Assim, a imprensa pôde continuar atuando, apesar das restrições impostas às cidades e estados por seus respectivos governantes. Contudo, as próprias redações tomaram algumas medidas independentes com o intuito de restringir a disseminação do vírus dentro dos seus espaços. Neste sentido, antes mesmo do segundo decreto presidencial, algumas organizações como a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2020b, n.p.) publicaram orientações às empresas jornalísticas com o objetivo de alertar sobre as medidas de proteção e contenção do vírus. Uma das orientações referiu-se à adoção do teletrabalho, o *home office*, para os profissionais do grupo de risco e aqueles que não tivessem com quem deixar os filhos pequenos que fossem vulneráveis à doença. Além disso, alguns protocolos de saúde passaram a fazer parte da rotina daqueles que continuaram trabalhando dentro das empresas. A TV Correio, na Paraíba, por exemplo, determinou a “proibição do uso de microfone de lapela para entrevistados no estúdio e representantes de merchandising e a substituição por microfones de mão”. (SIQUEIRA; DIAS; BANDEIRA, 2020, p. 153). A emissora também determinou a

⁸ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 06 set. 2021.

obrigatoriedade do uso de máscara e a reunião de pauta que era feita com editores e produtores de vários programas, passou a ser feita isoladamente por cada equipe (SIQUEIRA; DIAS; BANDEIRA, 2020).

A partir desse cenário, tornou-se imprescindível a criação rápida de uma nova rotina de trabalho para que o jornalismo continuasse com a sua função de levar informação para a população, pois como afirma Noblat (2003, p, 122):

O jornalismo, como qualquer outra profissão, tem rotinas. E ai dele se não tivesse. Sem regras, nada funciona. Muito menos uma redação. Nela trabalhamos sujeitos a surpresas constantes. Justamente por isso é preciso respeitar normas, ter métodos e padrões de comportamento definidos.

Com a pandemia, as redações de muitas empresas foram transferidas para as próprias casas dos jornalistas, onde estes precisaram criar uma outra rotina de trabalho, totalmente diferente, na qual foi necessário manter a qualidade final do produto jornalístico e conciliar o dia a dia com a própria família dentro de casa.

À luz da teoria interacionista, Traquina (2005) compreende que a redação trabalha como uma rede noticiosa em que cada integrante cumpre uma função, neste caso, existe a necessidade de se rotinizar o trabalho entre todos os que compõem a redação. Desta forma, cada empresa age como uma rede de informações que interage entre si para que as notícias sejam formadas, pois “o conhecimento de formas rotineiras de processar diferentes tipos de ‘estórias’ noticiosas permite aos repórteres trabalhar com mais eficácia”. (TRAQUINA, 2005, p.193).

Ao fazer uma ponte entre a rotina de produção jornalística antes da pandemia e durante a pandemia, é possível perceber que a maneira de produzir, editar e entrevistar teve que ser alterada rapidamente, uma vez que os executores dessas funções estavam reinventando uma nova maneira de trabalhar fora das redações. Como veremos mais adiante, o repórter que iria até a rua começou a fazer suas passagens e *stand-ups* na sala da própria casa; as entrevistas presenciais foram substituídas por entrevistas realizadas através de plataformas para reuniões *on-line*; as fontes, além de ceder informações para a construção do produto jornalístico, dessa vez, assumiram o papel de cinegrafistas orientados por repórteres e produtores.

Outra grande dificuldade enfrentada por esses profissionais, foi a exigência ininterrupta da produção que não diminuiu durante a pandemia, pelo contrário, aumentou. Segundo pesquisa

divulgada pela Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ, 2020a, n.p.) 55,5%, dos 457 jornalistas entrevistados, tiveram um aumento na pressão do trabalho, com acúmulo de tarefas, sobrecarga de horário e cobrança por resultados. Para Nicoletti (2019), o cenário de trabalho dos jornalistas, ainda sem a pandemia, já os coloca numa posição de “máquinas de alta produtividade”, no qual é necessário produzir mais e em menos tempo. Agora, com a pandemia, a produtividade é a mesma, só que com um diferencial: ela invade a vida pessoal do trabalhador pois adentra sua própria casa.

ROTINAS PRODUTIVAS, *HOME OFFICE* E O JORNALISTA FLEXITEMPO

A rotinização do trabalho jornalístico pode ser compreendida como o esforço da empresa jornalística para criar um método de trabalho para que o acontecimento permita aos jornalistas transformá-los em notícia. As notícias, por sua vez, são resultadas de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias) (TRAQUINA, 2001).

Nesse sentido, aquilo que se lê, assiste, ou se ouve na imprensa é o reflexo de uma conjunção de fatores que integram o resultado do produto. Ou seja, as práticas, o método, a estrutura, são condições que podem ser observados em diferentes produtos, uma vez que tais produtos são reflexo das rotinas e práticas profissionais.

Mauro Wolf (1999, p. 218) levanta três fases dentro da rotina produtiva no jornalismo: “a recolha, a selecção e a apresentação. Cada uma delas dá lugar a rotinas articuladas e a processos de trabalho, dos quais só alguns aspectos são tratados”. Neste sentido, entende-se que as rotinas produtivas dão forma ao produto jornalístico, levando a crer que uma ou várias mudanças nas etapas de construção do conteúdo noticioso implicará numa necessidade de adaptação por parte do jornalista e do produto em si, em face da mudança que foi ou está sendo implementada.

A prática jornalística na pandemia passou por algumas mudanças. Muitas empresas, por exemplo, aderiram à modalidade *home office* e mandaram alguns empregados para trabalharem de casa. A FENAJ divulgou em junho de 2020, dados de uma pesquisa que afirmava que a maioria dos jornalistas que participaram da sondagem, 75,2%, estava

trabalhando em *home office*, enquanto 24,8% seguiam trabalhando presencialmente (FENAJ, 2020b, n.p.).

Silva (2020 p. 16) discute como tal situação ocorreu na TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo no estado de Goiás, durante o período da pandemia da Covid-19. Para o autor, “a participação dos apresentadores a partir de suas residências, certamente, foi o diferencial nos telejornais da TV Anhanguera no período da pandemia”. Silva (2020) também relata outras estratégias de trabalho que surgiram a partir do *home office* na referida TV, entre elas: o rodízio de apresentadores; a limpeza frequente dos equipamentos; participação de um segundo ou terceiro apresentador de casa (*home office*), apresentadores desempenhando a função de repórteres, participação de até quatro jornalistas se revezando na apresentação, entre outras ⁹.

O trabalho *home office* levanta uma série de discussões relacionadas à flexibilização do trabalho. Observa-se que esta foi imposta pela situação pandêmica, mas é fato que isso já era uma tendência. Sennett (2009), discorrendo sobre o tema, relatou, pouco antes da virada do século, sobre a tendência desse movimento que já era presente na sua época. Segundo o autor, o trabalhador é desejoso pela flexibilidade sob a compreensão de que esta lhe garantirá liberdade, controle sobre sua rotina e horário, porém essa aparência de liberdade é enganosa, afinal ainda existe um novo poder e formas de controle sob o trabalhador. O fato é que a adesão a essa tendência no mundo do trabalho leva a uma organização desestruturada dos horários de trabalho dos empregados, o que o autor define como “flexitempo”:

As organizações flexíveis hoje estão fazendo experiências com vários horários do chamado “flexitempo”. Em vez de turnos fixos, que não mudam de mês para mês, o dia de trabalho é um mosaico de pessoas trabalhando em horários diferentes, mais individualizados. (SENNETT, 2009. p. 66).

Uma das formas que o fator flexitempo se faz presente na atualidade, de acordo com Sennett, é o trabalho que não é feito mais na empresa, e sim em casa. Associando este termo à realidade imposta pela pandemia a muitos jornalistas, pode-se considerar que este profissional se tornou um jornalista flexitempo, tendo em vista que trabalha com uma rotina mais flexível, diferente daquela desenvolvida na redação.

⁹ Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9696/17525>. Acesso em: 06 set. 2021.

Nicoletti (2020) faz uma reflexão sobre estas afirmações, colocando que em muitas corporações o trabalhador pode “escolher” o melhor turno de trabalho, inclusive, migrando a atividade da empresa para o *home office*:

[...] no caso do jornalismo, há vários tipos de relações de trabalho que permitem essa flexibilidade, em que o repórter ou redator atua de casa, parte na redação, parte fora, sem um vínculo formal ou estrutura adequada para realizar sua atividade. Há uma flexibilização das rotinas que, para alguns, é sinônimo de liberdade e autonomia, porém, se enquadra neste contexto de flexitempo. (NICOLETTI, 2020, p. 41-42.).

Esses mesmos trabalhadores passam a adotar regras de controle de trabalho muitas vezes rígidas e que impõem uma disponibilidade maior de conexão com o trabalho. A casa deixa de ser o ambiente do não-trabalho para se tornar o escritório. “Um trabalhador em flexitempo controla o local de trabalho, mas não adquire maior controle sobre o processo de trabalho em si. [...] Os trabalhadores, assim, trocam uma forma de submissão ao poder – cara a cara – por outra, eletrônica” (SENNETT, 2015, p. 68). A este profissional, como se viu, não é dado privilégios, tendo em vista que o horário flexível não significa férias, mas que este continua com a mesma demanda a cumprir e que agora começa se misturar com outros horários de outras demandas de sua vida pessoal. Como é compreendido, a partir da rotina flexível, as formas de controle sobre os empregados não acabam, apenas ficam invisíveis sob o pretexto de um benefício.

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS: RELATOS EM ORALIDADE

Com o objetivo de compreender as mudanças que ocorreram na rotina produtiva dos profissionais que atuaram no telejornalismo da cidade de Campina Grande (PB) durante a pandemia de Covid-19, foram entrevistados seis jornalistas vinculados ao telejornalismo campinense por meio de uma das principais emissoras TV da cidade: TV Paraíba, TV Itararé e TV Borborema. Entre as funções dos informantes estão produtores, repórteres, editores de vídeo e apresentadores. Para as entrevistas, foram utilizadas a plataforma de reuniões online *Google Meet* e o aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz *WhatsApp*. Todas as entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e analisadas a luz da metodologia da História Oral.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um roteiro de entrevistas semiestruturado com vinte e seis perguntas que buscavam compreender as mudanças ocorridas nas rotinas produtivas dos telejornalistas. Como dito, o roteiro foi dividido em quatro eixos, e um deles buscava compreender como foi a experiência dos entrevistados especificamente no *home office*. Este foi o eixo que se obteve as mais relevantes respostas. Após transcritas, as entrevistas foram agrupadas por linhas temáticas e analisadas resultando neste material. Por motivos éticos, e pelo risco ao vínculo de trabalho, os entrevistados não terão suas identidades reveladas.

A coleta de dados mostrou que, antes da pandemia de Covid-19, as redações de TV funcionavam com uma rotina onde o processo produtivo do material telejornalístico já era conhecido pelos jornalistas entrevistados. Reafirmando Traquina (2012), a cadeia produtiva jornalística nas TVs campinenses era bem dividida e segmentada onde cada indivíduo sabia sua função e suas demandas no processo produtivo.

O primeiro caso de Covid-19 na cidade de Campina Grande foi registrado no dia 27 de março de 2020 e isso alterou a rotina produtiva vigente nas televisões da cidade e afetou o trabalho dos jornalistas campinenses. Todas as empresas envolvidas na presente pesquisa mandaram para casa os profissionais que faziam parte do grupo de risco. Entrevistados de duas das empresas afirmaram que, além do afastamento das pessoas que faziam parte dos grupos de risco, as empresas criaram escalas para alternar a presença dos profissionais nas redações, tendo em vista a diminuição da circulação de pessoas. Um outro fator que levou telejornalistas ao *home office* foi a suspeita ou a contaminação por Covid-19, como relatado no caso de um dos jornalistas entrevistados:

A qualquer mínimo sintoma, de qualquer pessoa da empresa, essa pessoa era recomendada a ficar trabalhando de casa, no estilo *home office*, que foi uma coisa que tive que passar a fazer. (Entrevistado 1, entrevista realizada em 24/09/2020).

As informações demonstram três fatores determinaram que os jornalistas campinenses trabalhassem em casa: 1) fazer parte de algum grupo de risco da Covid-19; 2) ter se contaminado pelo vírus ou estar com suspeita de contaminação; 3) alternar a presença de pessoas na TV para evitar aglomerações.

Com a chegada do novo Coronavírus na cidade, mudanças técnicas foram inseridas na rotina produtiva dos jornalistas. Uma delas foi a mudança técnica que permeou a produção das reportagens. Com as medidas de isolamento social entre a população, as empresas também tomaram medidas para evitar a disseminação do vírus, e duas das três empresas analisadas determinaram que os entrevistados não fossem mais recebidos nos prédios para concessão de entrevistas. Além do mais, alguns dos relatos apontaram o receio das pessoas em receber os repórteres em casa.

Neste sentido, as empresas começaram a usar plataformas tecnológicas para fazer entrevistas. No caso das reportagens, os entrevistados mandavam seus vídeos de casa para os repórteres e produtores de TV. Predominando essa nova modalidade técnica nas redações, os jornalistas que ficaram em *home office* também precisaram se adaptar às novas demandas de trabalho. Assim, quando em contato com os entrevistados, tanto repórteres quanto produtores, precisavam fazer uma orientação de como produzir um material para TV, como exemplifica o relato de um dos repórteres trabalhou em *home office* por fazer parte do grupo de risco:

E eu sempre dizia isso ao personagem: ‘imagine que você tá contando uma historinha’, [...] uma personagem que eu entrevistei, ela tinha uma empresa de pipoca gourmet, aí eu ia nesse processo mandando as sugestões pra ela, ‘o enquadramento do vídeo e das respostas tem que ser esse, as imagens de ilustrar tem que ser assim, você tem que imaginar que você está contando uma historinha[...]’. (Entrevistado 2, entrevista realizada em 24/09/2020)

No contexto de produção de telejornal, alguns jornalistas que trabalharam de casa comentaram sobre a falta de controle da carga horária trabalhada. Quatro dos entrevistados falaram da dificuldade na concentração e na organização de horários. Dois deles relataram que trabalharam para além dos dias úteis de trabalho.

Às vezes a repórter mandava material no domingo, às nove horas da noite e eu ligava o computador para baixar. Eu não trabalhava, mas como demorava baixar o material, juntar tudo, eu ligava o computador da empresa, baixava o material, deixava baixando e ia fazer outras coisas. Eu, literalmente, não consegui dividir. A demanda de trabalho ficou basicamente essa, eu fiquei responsável pelo material que ela produzia, todo o material que ela fazia ela me mandava diretamente e, assim, a gente foi ajustando. (Entrevistado 3, entrevista realizada em 30/11/2020).

Querendo ou não você terminava trabalhando o dia inteiro, se você se deixasse levar, porque você pedia uma matéria, um vídeo para a pessoa [entrevistado]

enviar no fim do seu expediente, vamos dizer assim 19h, aí quando era no outro dia de manhã, quando você não estava no seu horário de trabalho na TV, a pessoa estava perguntando “ei, assim tá certo? Me responde, só pra eu corrigir”, aí terminava que você instruíra aquela pessoa de manhã, de tarde você tava trabalhando, de noite você tava trabalhando. (Entrevistado 2, entrevista realizada em 24/09/2020).

Todos os entrevistados comentaram sobre as dificuldades em dividir o tempo entre demandas do trabalho e demandas da vida pessoal e familiar:

Quando você tem filhos, por exemplo, e eles não estão na escola, então é muito difícil você organizar seus horários de *home office*. Tem que ser assim tudo alinhado com ela. Então assim, é desse jeito, você vai para reunião e ela fica escutando junto no fone de ouvido para ver se fica quieta, ou então, no tempo que você está na reunião ela derrubou a casa inteira. (Entrevistado 4, entrevista realizada em 19/09/2020)

O exercício do *home office* era dificultado para os profissionais por causa da mistura do exercício laboral com a vida cotidiana no lar. Esse fator levou os jornalistas a enfrentarem desafios para criar uma rotina para trabalhar, pois diferente do ambiente das redações, outras demandas disputavam a atenção dos profissionais:

Foi fácil lidar com o *home office*, mas era difícil ver a bagunça da casa e tentar se controlar porque era naquele momento que eu tinha que ficar focada, eu tinha que colocar o programa no ar e depois que o programa entrava no ar, eu relaxa mais e conseguia olhar pra bagunça da casa. Eu acho que isso foi um desafio. (Entrevistado 6, entrevista realizada em 20/11/2020).

Mas pra dividir atividade de casa, assim, eu não tinha hora mesmo. A hora que chegava eu fazia [o trabalho], porque eu achava que eu não tava cumprido o horário total mesmo, então o pouco que eu fazia [do trabalho], talvez fosse muito pra alguns, mas pra mim era pouco, então eu fazia. (Entrevistado 3, entrevista realizada em 30/11/2020).

O que se percebe é que o fato de estar em casa não simplificou o trabalho dos telejornalistas, pois as demandas exigidas para colocar o jornal no ar ainda se perpetuaram, e em alguns casos, como foi visto no caso do entrevistado 2, exigia-se atividades para além do que era comum nas redações. Com a mudança de local de trabalho, que impôs imprevisto e adaptação, as atribuições dos jornalistas chegaram, até mesmo, a invadir a vida pessoal, doméstica e familiar destes profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa, é possível considerar que a flexibilização do tempo de trabalho dos profissionais de telejornalismo de Campina Grande/PB se adequa à compreensão do profissional flexitempo apresentado por Sennett (2009). Nestes termos, o “jornalista flexitempo” é aquele que teve sua carga horária de trabalho alterada por causa de alguma intervenção sobre a sua rotina produtiva que, no caso deste estudo, foi a pandemia de Covid-19.

A flexibilização do trabalho já era uma tendência, porém, foi acelerada por conta do agravamento da pandemia ao ponto de “flexibilizar” o horário de trabalho dos jornalistas que requer o cumprimento das mesmas demandas. Além de continuarem com as mesmas atribuições, percebeu-se que alguns jornalistas tiveram dificuldades em se adaptar a essa nova realidade de trabalho remoto.

Também se destaca aqui o fato de a flexibilização interferir na vida pessoal dos profissionais e dificultar o foco em uma só atividade diante de tantas possibilidades e afazeres dentro de casa. Ou seja, as fronteiras que delimitam as horas trabalhadas e não trabalhadas se fragilizaram, se rompendo e misturando-se uma à outra. Fundamentando-se nesta última situação, percebeu-se que a conjuntura em que estão inseridas as mulheres jornalistas entrevistadas, é ainda mais delicada, pois é uníssono os relatos do quanto a mistura do trabalho doméstico ou familiar com as demandas que vinham da redação a todo o momento eram desgastantes.

A respeito do trabalho desenvolvido por jornalistas atuantes no telejornalismo, compreendeu-se que quando ele é produzido em modelo remoto, este acaba sendo flexibilizado. Tal característica favorece o aumento das demandas de trabalho que forcem o profissional a trabalhar além do horário que trabalharia se estivesse dentro das redações de TV. Por este prisma, é possível enxergar a atuação do novo profissional de jornalismo frente à pandemia da Covid-19, o jornalista flexitempo, que possui um horário de trabalho problematicamente flexibilizado.

A partir do exposto, conclui-se que a flexibilidade das rotinas de trabalho que foram impostas aos jornalistas durante a pandemia resultou em aumento da demanda e da pressão

sobre o trabalho, com horários indeterminados para começar e terminar o expediente, exigindo, muitas vezes, mais tempo de dedicação à função. Sabe-se que as ocorrências com viés de notícia não possuem hora ou lugar para acontecerem, e que estas são mais fáceis de serem moldadas e transmitidas para o público quando são produzidas de dentro da redação. Entretanto, quando se coloca a necessidade de produzir notícia junto ao fator tempo, aliados à missão de cuidar da família, por exemplo, constata-se a dificuldade em manter os mesmos padrões e ritmos semelhantes ao exercício laboral quando feito na redação.

REREFÊNCIAS

ALBERTI, V., FERNANDES, T. M., FERREIRA, M. M., orgs. **História oral**; desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

BRASIL. **Decreto no 10.282, de 20 de março de 2020**. Regulamenta a Lei no 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Brasília/DF: Diário Oficial da União [2020a]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/republicacao-249098206>. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. **Decreto no 10.288, de 22 de março de 2020**. Regulamenta a Lei no 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais. Brasília/DF: Diário Oficial da União [2020b]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-10.288-de-22-de-marco-de-2020-249098577>. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. **Recomendação Nº 027, de 22 de abril de 2020**. Recomenda ao Poder Executivo, federal e estadual, ao Poder Legislativo e ao Poder Judiciário, ações de enfrentamento ao Coronavírus. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde – CNS [2020c]. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1132-recomendacao-n-027-de-22-de-abril-de-2020>. Acesso em: 06 set. 2021.

FENAJ. Coronavírus: FENAJ reúne informações sobre ações e orientações dos Sindicatos de Jornalistas em todo o país. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 18 mar. 2020b. Disponível em: <https://fenaj.org.br/coronavirus-fenaj-reune-informacoes-sobre-acoes-e-orientacoes-dos-sindicatos-de-jornalistas-em-todo-o-pais/>. Acesso em: 05 fev. 2021

FENAJ. Covid-19 entre jornalistas: Cresce pressão no trabalho; profissionais têm salário reduzido. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 17 jun. 2020a. Disponível em: <https://fenaj.org.br/covid-19-entre-jornalistas-cresce-pressao-no-trabalho-profissionais-tem-salario-reduzido/>. Acesso em: 05 fev. 2021.

FERRARETO, L. A.; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação**; um guia prático para enfrentar a crise. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2020.

MAIOR, G. S. **História da televisão na Paraíba**. Joao Pessoa: A União, 2017.

NICOLETTI, J. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. 2019. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

NICOLETTI, J. **Precarização e qualidade no jornalismo**; condições de trabalho e seu impacto na notícia. Florianópolis, SC: Insular, 2020

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 4ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**; as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SENNETT, R. **O artífice**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2015

SILVA, Rodrigo Barbosa e. A casa como estúdio: a mediação no telejornalismo durante a Pandemia da Covid-19. **Revista Observatório**. Vol. 6, n. 3 (Especial 1), maio 2020.

SIQUEIRA, F; DIAS, G; BANDEIRA, J. Telejornalismo e pandemia; as mudanças nas rotinas produtivas na redação da TV Correio. SIQUEIRA, F.; MONTEIRO, P. (Org.). **Jornalismo em tempos de pandemia**: reconfigurações na TV e na Internet. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. p. 144-186.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**; porque as notícias são como são. Vol 1. 3 ed. Insular, 2012.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.